A canonização da margem nos estudos literários

Travessia: revista de literatura - nº. 29/30.
Gêneros ex/cêntricos

Florianópolis: Editora da UFSC, 1994, 352p.

Nos departamentos de literatura a palavra gênero, hoje, é fortemente vinculada aos gêneros literários e não aos estudos das relações entre os sexos. É verdade que nos últimos dez anos algo mudou. Esse algo é sinalizado na edição da revista *Travessia*, dedicada à "literatura fora-da-lei".

O tema desse número especial de *Travessia* é "gêneros ex/cêntricos", que na publicação foi subdividido em cinco itens: à margem do cânone, à margem do gênero, à margem da lei, à margem do percurso e à margem da disciplina.

Travessia sempre foi uma publicação voltada para os estudos literários. Neste número, no entanto, a editora Ana Luíza Andrade afirma que a "validade" da literatura está vencida. Ponderemos: ao contrário dos produtos dos supermercados, a "validade" da literatura não pode ser mensurada e muito menos pelas últimas tendências da crítica e da academia norte-americana. Creio que a literatura (seja ela fora-da-lei ou não) se encontra em algum lugar muito além da discussão sociológica ou psicanalítica proposta pelos novos estudos, pois sua vitalidade está na condição de obra de arte e de campo de estudo fértil para as diversas disciplinas que nos últimos anos vêm, com eficiência e pertinência, fazendo leituras dos textos literários. Já o que é literário sempre foi polêmico desde o dia em que se inventou a Ciência da Literatura. O que se passa no meio acadêmico, no entanto, é uma necessidade de alargar o campo dos estudos literários, tornando parte destes outros discursos e perspectivas de análise crítica.

Dentre as diversas tendências de análise da literatura, a que vem ganhando primazia na academia norte-americana, como ilustra a professora Heidrun Krieger Olinto em seu artigo Estratégias de Canonização nas Letras, são os Estudos Culturais. Para Frederic Jameson, nos Estudos Culturais os intelectuais saem de sua torre de marfim ao realizar uma aliança entre a cultura de rua, a cultura dos movimentos sociais e a cultura acadêmica. Nos Estados Unidos, essa nova forma de conceber uma antropologia cultural ganhou vários adeptos e um problema, como nos mostra Heidrun: uma enxurrada de textos e mais textos, cuja qualidade deixa a desejar.

Nos dois primeiros ensaios de *Travessia*, John Beverley, professor da Indiana University, e Heidrun K. Olinto, da PUC do Rio de Janeiro, trazem para discussão a emergência dos Estudos Culturais também como uma nova forma de abordar o literário. Para Beverley, que no ensaio Por Lacan: da literatura aos Estudos Culturais propõe uma psicanálise da literatura, a "questão dos Estudos Culturais como uma alternativa ao currículo 'literário' tradicional das humanidades" deve ser relativizada. Inserido numa realidade acadêmica bastante diversa da brasileira, Beverley assume os Estudos Culturais como uma invenção da esquerda acadêmica. Segundo ele, para tornar os Estudos Culturais aceitáveis para professores universitários e administradores seria necessário "diluir o potencial ideológico-epistemológico dos movimentos e grupos sociais fora da universidade e mantê-los separados das ciências naturais e da esfera tecnológica das escolas profissionalizantes".

Os Estudos Culturais surgiram como o resultado epistemológico dos movimentos sociais da década de 70. É bom enfatizar que eles são frutos de movimentos sociais muito europeus e norte-americanos, pouco condizentes com a realidade dos países latino-americanos, que no momento de "libertação" das classes subalternas do primeiro mundo se afundavam em ditaduras militares, em um embate com a censura e, principalmente, em alianças circunstanciais como a do movimento feminista com a Igreja Católica, no Brasil. Partindo desse princípio, o que temos a ver com os Estudos Culturais? Ou mesmo com a idéia de uma pós-modernidade e de uma globalização?

No fundo, não estariam todos esses nomes encobrindo um processo de hegemonia econômica e cultural dos países tecnologicamente mais poderosos sobre os demais? É uma questão a ser pensada e analisada, já que consumimos esses termos e essas idéias com a mesma facilidade e entusiasmo que temos ao adquirir relógios Swatch ou computadores IBM. Não propo-

nho, de maneira alguma, uma busca pela autenticidade brasileira ou qualquer coisa do gênero, já que isso seria modernista demais. Mas, me pergunto, até onde essas inovações da academia norte-americana encontram ressonância na produção cultural brasileira ou servem de pressuposto teórico para a mesma? Até que ponto elas são aplicáveis em outro cenário senão o norte-americano? Por exemplo, quando os norte-americanos falam em estudos pós-coloniais estão se referindo à colonização dos Estados Unidos pelos latino-americanos e outros grupos periféricos. Nós teríamos que voltar quinhentos anos para tratar de semelhante assunto. Este é um exemplo bem grosseiro, mas se tivéssemos espaço poderíamos nos estender à crítica feminista e à de gênero.

No artigo sobre as estratégias da canonização das letras, a professora Heidrun, ao discorrer sobre os números estratosféricos de publicações americanas[1], aponta involuntariamente a nossa precariedade: onde estão as revistas especializadas? onde estão as editoras pequenas interessadas em textos recém saídos de pesquisas e onde estão as pesquisas?

O que vemos são meia dúzia de revistas, algumas editoras universitárias, e raras editoras comerciais que se interessam apenas pelo livro acadêmico quando este traz um grande nome pela frente ou um assunto polêmico que pode lhe render certo marketing cultural positivo e até mesmo vendas. Mas não temos formado um sistema mercantil de idéias como os americanos e estamos longe de ter.

Essa falta de circulação de idéias sem dúvida traz um grau de ostracismo à academia brasileira. A professora Heidrun finaliza seu artigo apontando o papel do intelectual - acredito que ela fala de um *scholar* norte-americano. "Cabe a ele, hoje, mais do que nunca, assumir sua função que, de modo indubitável, liga suas atividades, em grande parte financiadas por verbas públicas, com questões urgentes e emergentes de seu tempo. Sem pretensão de devolver à sociedade um mapa perdido, mas de motivar, em caráter permanente, discussões em torno de propostas de como lidar com o difícil multicomplexismo atual". Dessa maneira Heidrun finaliza seu discurso sobre o papel do intelectual nos Estudos Culturais: um intelectual engajado, inserido nos problemas de sua época.

Lúcido é o artigo de Nelly Richard sobre a condição centro-marginal na pós-modernidade. Com muita sagacidade, Nelly se pergunta: "qué modificaciones introduce - dentro de ese reticulado Centro/Periferia - la crítica post-moderna al paradigma universalista (centrado) de la Modernidad?" E nos responde que as grandes posições anteriores entre dominação e dependência "se disolverían ahora en una pluridad heterogénea de micro-enfrentamientos de poderes y resistencias locales mucho más segmentados que antes".

No item específico sobre gênero se destacam os artigos de Caren Kaplan e Cláudia de Lima Costa. Ambas fazem uma retrospectiva crítica de alguns conceitos básicos dos estudos feministas na literatura e na antropologia. São artigos claros, objetivos e bastante informativos sobre a teoria feminista e sua tentativa de se estabelecer como tal no cenário acadêmico. Como abordei acima, no Brasil, os estudos de gênero nos departamentos de literatura ganharam muitos adeptos nos últimos dez anos e um exemplo desse crescimento é o sucesso do Seminário Nacional Mulher e Literatura, atualmente em sua sétima edição. A inserção da perspectiva feminista nos estudos literários vem sendo aplicada sistematicamente pelas novas gerações de mestrandos e doutorandos visto o número de interessantes estudos apresentados no último Seminário, em setembro deste ano. O interesse pela questão de gênero já não é tão "marginal" e tende, com o tempo, a ser canonizado como uma perspectiva analítica da obra literária (se já não foi).

Sem dúvida, esse número de *Travessia* sinalizou um campo de estudo que há tempos vem sedimentando-se nos departamentos de letras. Sentimos falta, no entanto, de artigos sobre a situação dos estudos de gênero e mesmo sobre a introdução dos Estudos Culturais no Brasil. O que se passa nos EUA já sabemos de cor. A caixa-preta, no entanto, continua aqui.

VALÉRIA LAMEGO ■

---

[1] Segundo a professora, "professores universitários americanos produziram, num espaço de dois anos, aproximadamente, um milhão de artigos e 300 mil livros, o que perfaz uma média diária de 410 livros e 1.370 artigos, a maior parte presumidamente publicada pelas 3.277 revistas e séries listadas no Directory of Periodicals, da MLA."